

EDITORIAL

HÉLADE, HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL

ALEXANDRE SANTOS DE MORAES¹

O filósofo e poeta francês Jean-Marie Guyau escreveu que “uma das consequências mais bem estabelecidas pela psicologia moderna é a de que tudo está presente em nós, inclusive o próprio passado” (GUYAU, 2010, p. 45). Em certo sentido, o que marca o passado é a presença que se manifesta através da *duração*, pois “uma coisa só passou realmente quando perdemos toda a consciência dela” (GUYAU, 2010, p. 45). Assim como Bergson e Tolstói, Nietzsche era um profundo admirador de Guyau, e tendo ou não em suas ideias alguma ressonância dessa admiração, vale retomar uma noção que o filósofo alemão adotou como princípio em sua *II Consideração Intempestiva*: “o elemento histórico e o elemento a-histórico são igualmente necessários à saúde de um indivíduo, de um povo, de uma cultura” (NIETZSCHE, 2010, p. 74). Talvez seja a dimensão a-histórica (*unhistorich*) que permite que nem tudo se converta em passado e que este mesmo passado seja algo idealmente vantajoso, ou seja, que não represente uma desvantagem para a vida.

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Editor da Revista *Hélade*. E-mail: asmoraes@gmail.com.

Ainda que os estudos da Antiguidade tenham uma história relativamente recente no Brasil, sua consolidação não é produto da força impositiva de intelectuais seduzidos pelos clássicos ou de uma estrutura curricular que existe à revelia das demandas universitárias: o avanço das pesquisas sobre as sociedades antigas em nosso país é resultado, sobretudo, das vantagens que oferecem à própria História e, por extensão, à vida. Trata-se de um passado necessário, pois é este passado aquilo que somos, e somos tanto que hoje é possível lançar um olhar retrospectivo e através dele reconhecer a trajetória do campo, materializada na profusão de dissertações e teses defendidas, na criação de diversos núcleos de pesquisa, nos congressos, simpósios, palestras e nas publicações especializadas.

A revista *Hélade* faz parte dessa trajetória.

Publicada entre 2000 e 2005, a *Hélade* foi o primeiro periódico brasileiro exclusivamente dedicado à Antiguidade a disponibilizar os artigos gratuitamente através da internet. No total, foram publicados 48 trabalhos assinados por 40 autores diferentes. É preciso lembrar que há uma década a internet não gozava da importância atual para a

difusão do saber científico: apesar dos prognósticos entusiasmados, entre 2000 e 2005 a relação com o formato digital ainda era envolvida por uma atmosfera de desconfiança e ceticismo, particularmente graças à tradicional valorização do texto impresso. É preciso registrar, portanto, que a revista foi possível graças à generosidade tanto de jovens quanto de experientes pesquisadores que investiram nela os resultados de suas pesquisas.

A mesma confiança e generosidade voltaram a se manifestar diante do projeto de retomar as atividades da revista. Para o dossiê *Hélade, uma nova História Antiga*, convidamos os autores da primeira fase a revisitarem o tema que abordaram há pelo menos 10 anos. A proposta é que levassem em consideração não apenas as mudanças do campo, mas seus próprios olhares sobre a questão, decerto enriquecidos pelo aprofundamento das leituras e pesquisas. Obviamente, não seria possível abarcar os debates dos 48 artigos, não apenas por ser inviável editá-los em apenas um número, mas em razão das próprias trajetórias individuais. É natural que no compasso de nosso tempo, que corre apressadamente, alguns tenham se aposentado ou repensado seus interesses acadêmicos. Pesa também que nem todos continuam atuando na área ou simplesmente não tiveram meios para atualizar as discussões que há tanto fizeram. Impossível não lembrar igualmente da inexorável ausência do professor Ciro Flamarion S. Cardoso, falecido em 29 de julho de 2013. Ciro participou do Conselho Editorial da *Hélade* durante toda sua vigência, além de ter publicado um artigo no primeiro número, respaldando com sua credibilidade e erudição o surgimento deste espaço de crítica acadêmica.

Os artigos, portanto, representam a disposição geral que motivou o retorno da *Hélade*. Através de escolhas particulares, os autores aceitaram o convite inusual de lançar sobre si próprios um olhar retrospectivo, permitindo-se explorar mais uma vez uma temática que não pode permanecer incólume às mudanças de mentalidade e à própria afetação que nossa área, estruturada e estruturante, exerce sobre aquilo que somos, pensamos, ensinamos, aprendemos e escrevemos. A proposta do dossiê,

tal como pode ser observada nos artigos que seguem, não era produzir um simulacro de algo anteriormente escrito, mas tomá-los como impulso primeiro para um novo que não ignora sua própria história. Essa é também a disposição geral que preside a nova etapa da *Hélade*. Afinal, se Nietzsche estiver certo,

“Enquanto a historiografia tiver como vocação essencial transmitir ao homem forte impulsos profundos, enquanto o passado tiver de ser descrito como imitável e digno de imitação, como algo que pode se produzir uma segunda vez, ela corre o risco de ser deformada, enfeitada e assim aproximada da livre invenção poética” (NIETZSCHE, 2010, p. 87).

BIBLIOGRAFIA

GUYAY, Jean-Marie. **A gênese da ideia de tempo e outros escritos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: _____. **Escritos sobre História**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2005, p. 67-178.